

INCERTEZAS DA ECONOMIA MUNDIAL MUDAM A GEOGRAFIA ECONÔMICA DOS INVESTIMENTOS E PODEM INTENSIFICAR EFEITOS NEGATIVOS SOBRE NEGÓCIOS FLORESTAIS BRASILEIROS

O mês de agosto tem sido marcado, fortemente, por fatos políticos e econômicos que afetaram e devem continuar a afetar os rumos das principais economias desenvolvidas e emergentes. A hesitação e a posterior decisão do congresso americano em aprovar a elevação do teto da dívida do país causaram turbulências nas bolsas de ações espalhadas pelo mundo. O medo de que países da Zona do Euro entrassem em falência e causassem um efeito dominó sobre os demais trouxe ainda mais pânico para os mercados.

Embora os mercados venham se acalmando, é certo que a intensidade e o volume dos investimentos e dos negócios nacionais e internacionais serão fortemente alterados e redirecionados. É bem provável que haja uma retração na economia global neste segundo semestre de 2011. Segundo o gerente-executivo da Unidade de Política Econômica da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Flávio Castelo Branco, mesmo o Brasil, cuja economia está mais sólida que a de outros países, deve sentir os efeitos do agravamento da crise nos Estados Unidos e na Europa. "Isso pode acarretar perdas ainda maiores de mercado para os produtos brasileiros no exterior e dificuldades no mercado interno, devido ao crescimento das importações", afirmou o economista.

O "cenário econômico brasileiro segue estável", segundo pesquisa realizada pela Federação Brasileira de Bancos (Febraban) - os números analisados geram a constatação de que o cenário econômico brasileiro segue sem muitas alterações, apresentando números moderados. A taxa do PIB (Produto Interno Bruto) total ficou na casa dos 3,9%, registrando um pequeno recuo já esperado. Para o mesmo período, em 2012, a expectativa é que este número gire na casa dos 4,1%. O PIB dos setores agropecuário, industrial e de serviços teve previsão de quedas para 3,9%, 3,6% e 4%, respectivamente.

Em relação à balança comercial, até julho, os resultados ainda foram positivos e espera-se que os efeitos das mudanças recentes não tenham maiores impactos. Em julho, as exportações brasileiras foram de US\$ 22,252 bilhões e as importações, de US\$ 19,117 bilhões e houve um superávit de US\$ 3,135 bilhões. Na comparação pela média diária de julho do ano passado (US\$ 803,3 milhões), as exportações

aumentaram 31,9%. No acumulado do ano (145 dias úteis), o saldo comercial foi positivo em US\$ 16,101 bilhões. O valor é 74,4% maior, na comparação com a média diária, que o registrado no mesmo período do ano passado, com superávit de US\$ 9,230 bilhões.

Considerando os movimentos da economia mundial e nacional, a conjuntura de agosto de 2011 do Centro de Inteligência em Florestas continua a analisar e contextualizar os efeitos desses movimentos nos negócios florestais.

Segmento de Celulose e Papel

O segmento brasileiro de celulose e papel fechou o primeiro semestre de 2011 com crescimento das exportações e dos preços, segundo o Ministério do desenvolvimento, Indústria e Comércio (MDIC) e o Centro de Estudos em Economia Avançada (CEPEA). Conforme Quadro 1, as exportações de celulose e papel tiveram um crescimento médio de 5,10% e 4,27% ao mês, respectivamente, de janeiro a julho de 2011, superando o percentual observado no mesmo período de 2010.

Quadro 1 - Exportações brasileiras de celulose e papel, em milhões de US\$ FOB

Período	Celulose	Papel
jan/10	318,71	153,83
fev/10	340,37	146,10
mar/10	465,61	194,84
abr/10	387,12	162,15
mai/10	402,92	173,07
jun/10	406,60	172,78
jul/10	381,48	163,14
<i>crescimento médio (% a.m.)</i>	<i>4,26</i>	<i>2,09</i>
jan/11	317,76	169,07
fev/11	339,34	176,96
mar/11	464,40	117,91
abr/11	386,22	193,51
mai/11	427,61	187,26
jun/11	397,53	198,53
jul/11	397,92	173,61
<i>crescimento médio (%a.m.)</i>	<i>5,10</i>	<i>4,27</i>

Fonte: MDIC (2011); CEPEA (2011).

Comportamento diferente foi observado para os preços desses produtos (Quadro 2).

Quadro 2 - Preços da celulose e do papel em São Paulo

Período	Celulose (US\$/t.)	Papel offset em bobina (R\$/t.)	Papel cut size (R\$/t.)
jan/10	720,00	3437,47	3434,27
fev/10	750,00	3437,46	3311,35
mar/10	776,67	3589,64	3395,22
abr/10	816,67	3589,64	3395,22
mai/10	866,00	2942,86	3312,62
jun/10	908,00	3078,89	3322,21
jul/10	930,00	3078,89	3430,46
crescimento médio (% a. m.)	4,36	-1,49	0,01
jan/11	866,67	3222,73	3803,94
fev/11	866,00	3222,73	3803,94
mar/11	865,00	3222,73	3803,94
abr/11	866,00	3100,04	3297,11
mai/11	881,00	3109,81	3324,84
jun/11	894,42	3132,54	3080,87
jul/11	893,56	3106,27	3051,28
crescimento médio (% a. m.)	0,51	-0,60	-3,46

Fonte: CEPEA (2011).

De janeiro a julho de 2011, os preços da celulose aumentaram 0,51% em São Paulo e, no mesmo período de 2010, o crescimento nos preços foi de 4,36% (Quadro 2).

O preço do papel *offset* em bobina reduziu 0,6% de janeiro a julho de 2011, percentual menor que em janeiro a julho de 2010 e o preço do papel *cut size* apresentou queda de 3,46% ao mês no primeiro semestre desse ano e ficou estável no primeiro semestre do ano passado (Quadro 2).

A queda mais acentuada dos preços do papel no país nesse primeiro semestre de 2011, na comparação com o mesmo período de 2010, pode ser explicada pelo aumento das importações brasileiras que subiram cerca de 9%. De acordo com a Bracelpa, os segmentos de papel de imprimir e escrever e de papel-cartão registraram os mais elevados índices de aumento das importações. A esses produtos se aplica a imunidade tributária, quando destinados a fins educacionais e culturais. "Esses papéis têm sido alvo de fraudes, o que está prejudicando a concorrência no mercado nacional e gerando evasão fiscal", ressalta a Bracelpa.

Além disso, o comportamento dos preços da celulose e do papel nos primeiros seis meses desse ano pode ser explicado pela desaceleração das compras na China e pela valorização do real perante o dólar, principal fator negativo para as empresas produtoras brasileiras.

Entretanto, as expectativas são otimistas para os próximos meses. Espera-se que o crescimento do segmento de celulose e papel seja superior ao PIB em 2011, devido aos novos investimentos das empresas do segmento no Brasil.

Segmento de Madeira Processada

Em julho, as exportações de madeira e derivados foram de US\$142.604 mil, representando uma redução de 13% em relação ao mês anterior. As importações foram de US\$14.092 mil, representando um aumento de 0,4% em relação ao mês anterior. Portanto, o saldo na balança comercial de julho foi de US\$128.512 mil (queda de 14% em relação a junho). Quando comparado com o mês de julho do ano passado, as exportações, importações e o saldo da balança variaram de -20%, 15% e -2%, respectivamente. Em 2011, de janeiro a julho, a Balança Comercial acumulou um saldo de US\$1.003.954 mil, representando uma redução de 2% quando comparada ao igual período do ano passado. Esses números indicam uma continuidade na redução do ritmo de crescimento que vem acontecendo nos últimos meses (Quadro 3).

Quadro 3 – Balança comercial brasileira para madeira e derivados (capítulo 44) de janeiro a julho de 2011 e 2010, em 1000 US\$

Mês	2011			2010			Variação %		
	Exportação	Importação	Saldo	Exportação	Importação	Saldo	Exp.	Imp.	Saldo
JAN	138.946	10.651	128.295	115.079	7.350	107.729	20,7	44,9	19,1
FEV	151.265	13.293	137.972	141.550	8.239	133.311	6,9	61,3	3,5
MAR	173.645	13.110	160.535	169.801	11.759	158.042	2,3	11,5	1,6
ABR	150.836	13.292	137.545	159.113	10.498	148.615	-5,2	26,6	-7,4
MAI	175.258	14.930	160.328	173.477	9.640	163.837	1,0	54,9	-2,1
JUN	164.813	14.045	150.767	159.807	11.912	147.895	3,1	17,9	1,9
JUL	142.604	14.092	128.512	177.307	12.179	165.128	-19,6	15,7	-22,2
Total	1.097.367	93.413	1.003.954	1.096.134	71.577	1.024.557	0,1	30,5	-2,0

Fonte: MDIC, elaborado pela equipe do CI Florestas.

Apesar dos sinais de crise no hemisfério norte, na América do Sul percebe-se o início de uma etapa de expansão da indústria de painéis. A partir desse semestre e

durante os próximos 18 meses, a capacidade instalada para fabricação de painéis de MDP/MDF dará um salto da ordem de 1,7 milhões de metros cúbicos, com novas linhas de produção da brasileira Duratex (MDF), da colombiana Tablemac (MDF) e das chilenas Arauco (MDP / MDF) e Masisa (MDP) (Quadro 4).

Quadro 4 – Capacidade instalada da indústria de painéis de madeira

Empresa	Tipo	Capacidade (m³)	País	Início
Masisa	MDP	280.000	Chile	2011
Tablemac	MDF	130.000	Colombia	2011
Arauco	MDP	300.000	Chile	2012
Arauco	MDF	500.000	Brasil	2012
Duratex		500.000	Brasil	2012

Fonte: Notifix

Com o crescimento populacional e com o desenvolvimento, a demanda de madeira no Brasil e no mundo tende a ser cada vez maior. O consumo per capita do produto no país está em torno de 0,83 m³. Isso pode ser uma garantia que os investimentos no segmento florestal serão cada vez mais atrativos.

Outra questão que está afetando o mercado de produtos madeireiros é a origem legal da madeira, afirma o diretor-geral do Serviço Florestal Brasileiro, Antônio Carlos Hummel. Segundo ele: "O mercado interno, que consome quase 80% da madeira processada na Amazônia, mostra sinais de consumo mais consciente, com a existência de acordos, principalmente no estado de São Paulo, para a obtenção de madeira de fontes legais". As exportações de madeira, embora representem uma fatia menor do mercado, estimulam a produção legal, pois os principais compradores – que são Estados Unidos e Europa –, exigem comprovação de origem. Em 2009, norte-americanos e europeus importaram em torno de 70% da madeira brasileira destinada ao exterior (www.florestal.gov.br).

Em junho e julho de 2011, os preços do metro cúbico de madeira serrada na Zona da Mata Mineira permaneceram estáveis, a saber: Angelim Margoso (R\$1.744,00), Jatobá (R\$2.295,00), Sucupira (R\$1.928,00), Eucalipto (R\$1.000,00) e Pinus (R\$800,00) (CIFlorestas).

Portanto, no segmento de madeira processada, o que se observa é uma queda nas exportações (13%), reflexo da desaceleração da economia global, mas o segmento

planeja expansões, tanto nas plantas industriais, como na base florestal, impulsionadas por uma tendência de consumo cada vez mais sustentável de madeira.

Segmento de Produtos Florestais Não-Madeireiros

No primeiro semestre de 2011, no segmento de produtos florestais não-madeireiros foi observado crescimento das exportações de palmito num percentual maior que no primeiro semestre de 2010. O contrário foi observado para as exportações de castanha-do-brasil. Já as importações de borracha natural cresceram a uma taxa menor de janeiro a julho de 2011, em relação ao mesmo período de 2010 (Quadro 5) (MDIC, 2011).

Mais precisamente, as exportações de palmito e castanha-do-brasil tiveram um crescimento médio de 8,99% e 0,81% ao mês, respectivamente, de janeiro a julho de 2011, contra 8,53% e 9,42% no mesmo período do ano passado. Por outro lado, as importações de borracha natural aumentaram 8,69% ao mês de janeiro a julho de 2011 e 10,2% ao mês de janeiro a julho de 2010 (Quadro 5).

Quadro 5 – Exportação e importação de produtos florestais não-madeireiros

Período	Exportação (US\$)		Importação (US\$)
	palmito	castanha-do-brasil	borracha natural
jan/10	510.394	16.110.348	42.648.933
fev/10	440.030	18.217.209	52.385.924
mar/10	1.030.367	26.537.149	70.980.813
abr/10	655.000	21.174.596	64.974.698
mai/10	595.701	25.363.657	81.621.416
jun/10	652.910	22.706.724	59.697.085
jul/10	434.963	24.677.388	67.337.839
crescimento médio (%)	8,52	9,42	10,2
jan/11	414.092	23.258.467	74.048.841
fev/11	513.404	23.488.411	93.117.850
mar/11	462.492	25.048.947	78.031.158
abr/11	699.356	17.468.359	137.010.551
mai/11	1.261.256	19.644.005	109.866.498
jun/11	420.003	22.153.119	97.789.672
jul/11	314.940	22.656.299	95.638.209
crescimento médio (%)	8,99	0,81	8,69

Fonte: MDIC (2011)

No que diz respeito aos preços dos produtos florestais não-madeireiros, houve crescimento dos preços do palmito no Espírito Santo e da borracha natural em São

Paulo, no primeiro semestre de 2011 (Quadro 6). No entanto, esse crescimento foi bem menor quando comparado com o ano anterior, o que pode ser devido ao maior crescimento da demanda em relação à oferta no ano passado.

Quadro 6 – Preço dos produtos florestais não-madeireiros, em R\$/kg

Período	palmito (ES)	borracha natural (SP)
jan/10	0,65	1,87
fev/10	0,56	2,23
mar/10	1,28	2,5
abr/10	n.d.	2,69
mai/10	0,83	2,76
jun/10	0,83	2,81
jul/10	0,83	2,88
crescimento médio (%)	28,68	7,64
jan/11	0,83	3,05
fev/11	0,83	3,75
mar/11	1,25	3,85
abr/11	0,83	3,97
mai/11	0,89	3,97
jun/11	0,83	3,39
jul/11	0,83	3,41
crescimento médio (%)	2,91	2,82

Fonte: APABOR (2011); CEASA/ES (2011).

De acordo com Heiko Rossmann, diretor da Associação Paulista de Produtores e Beneficiadores de Borracha (Apabor) e analista setorial da Revista Lateks, o mercado da borracha segue apreensivo diante da crise na Grécia, do superendividamento dos Estados Unidos e da valorização do Iene (e outras moedas) frente ao dólar. O nervosismo do mercado financeiro internacional tem causado flutuações das cotações nas principais bolsas da *commodity* na Ásia, com reflexos no curto prazo para a matéria-prima brasileira.

O preço do Granulado Escuro Brasileiro (GEB-1) para o bimestre agosto-setembro registrou queda de 6,5%, sendo cotado a R\$ 8,02 por quilo atualmente. A redução de 5,1% na cotação média da borracha na Bolsa de Cingapura, somada à valorização cambial de 1,6% do real frente ao dólar, resultou no menor preço do produto brasileiro.

Apesar da redução também neste bimestre, sendo esta a segunda queda deste ano, os preços ainda são os mais altos das últimas três décadas. O segmento produtor comemora e agora observa a movimentação dos preços com certa apreensão.

As perspectivas são de sustentação dos preços internacionais no patamar atual, o que contribuiria para aumento dos preços no Brasil, diante da retomada das compras chinesas.

Segmento moveleiro

O setor moveleiro brasileiro continua apresentando um quadro geral de declínio, tanto no crescimento do volume das vendas internas, quanto externas, neste início de agosto de 2011. Este é um reflexo de turbulências políticas e econômicas que vêm ocorrendo desde o início do ano no mercado mundial.

Segundo IBGE, em junho de 2011, a produção industrial brasileira recuou 1,6% frente a maio, um perfil generalizado de queda, que alcançou a maioria (vinte) dos vinte e sete ramos pesquisados e todas as categorias de uso do instituto. Comparada com junho de 2010, a produção industrial apontou um acréscimo de 0,9%, uma taxa bem menor do que a ocorrida em maio passado (2,7%).

A indústria moveleira vem ressentindo os impactos dessas mudanças nos mercados. Em Minas Gerais, segundo o Sindicato das Indústrias do Mobiliário e Artefatos de Madeira (Sindmov-MG), houve, no segundo trimestre (abril-junho), uma queda das encomendas do varejo em torno de 30% na comparação com o trimestre anterior. Também, segundo análise de desempenho da indústria brasileira feita pela Confederação Nacional da Indústria (CNI), em junho de 2011, observou-se um padrão de perda de dinamismo para a maioria dos setores industriais analisados, incluindo entre estes, o setor de móveis que apresentou baixo desempenho para quase todos os indicadores utilizados na análise. De acordo com o gerente-executivo da Unidade de Política Econômica da CNI, Flávio Castelo Branco, o ritmo mais moderado da atividade industrial é explicado pela alta dos juros e da inflação, pela redução do crédito e turbulências na economia mundial. "Esses sinais mostram que o desempenho industrial no segundo semestre deve ser ainda menor", prevê ele. A classe média, maior consumidora e a mais afetada por essas variáveis econômicas, teria reduzido a demanda no período. Embora as exportações brasileiras em geral tenham sido positivas, as exportações do setor moveleiro não tiveram o mesmo desempenho. Segundo dados do MDIC, apresentados no Quadro 7, as exportações brasileiras do setor mobiliário de janeiro a julho de 2011 apresentaram queda em todos os meses no comparativo com os mesmos meses de 2010. De janeiro a julho, o Brasil exportou

aproximadamente US\$ 256 milhões em móveis, um resultado 15% inferior ao obtido no mesmo período em 2010. Os principais destinos do mobiliário brasileiro têm sido os países da América Latina.

Quadro 7. Exportações total de móveis no período de janeiro a julho de 2010 e 2011 (Valores expressos em 1000US\$ FOB)

Meses	Total		Variação 2011/2010
	2010	2011	
Jan.	31.377	29.297	- 7%
Fev.	40.670	37.020	- 9%
Mar.	47.249	39.407	- 17%
Abr.	44.017	35.796	- 19%
Mai.	48.201	40.410	- 16%
Jun.	42.312	41.611	- 2%
Jul.	46.100	38.493	-16%
Total	299.926	256.167	- 15%

Fonte: MDCI Elaborada pelos autores

Apesar dos resultados negativos, acredita-se que o setor moveleiro irá recuperar-se em face das novas medidas de incentivo concebidas pelo governo federal, visando desonerar as indústrias do setor de móveis, calçadista, textil e de softwares. Além disso, com a aproximação do fim do ano, quando o comércio se aquece naturalmente, espera-se um crescimento maior para o setor.

Equipe Técnica do Centro de Inteligência em Florestas

Naisy Silva Soares – Economista, D.Sc. Ciência Florestal

Alberto Martins Rezende – Eng. Agrônomo, M.Sc. Economia Rural

Márcio Lopes da Silva – Eng. Florestal, D.Sc. Ciência Florestal

Altair Dias de Moura – Eng. Agrônomo, PhD. Agribusiness Management

* Permitida a reprodução desde que citada a fonte.